

A desconstrução: natureza e feminilidade

Milena Vieira da Silva (UNEMAT)¹

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Nele destacamos as personagens Rita Baiana e Pombinha, que promovem a desconstrução feminina através da sensibilidade humana. Essa desconstrução abrange a quebra de estereótipo vinculada aos padrões sociais, que não se restringe apenas a essas duas personagens, mas havendo situações como a troca de valores, entre homem e mulher, adultério, homossexualidade e prostituição. E para isso usamos autores como Bosi (2006), Coutinho (2004), Candido (1993), Moisés (1971), entre outros pesquisadores que ajudarão na construção de sentido da pesquisa. No desenvolvimento da reflexão, foi possível compreender que as duas personagens empoderam o seu tempo, mostrando de forma hostil a vulnerabilidade humana, a parte moral e imoral do homem, o que contribui para a compreensão do Naturalismo.

Palavra-chave: Sensibilidade; Desconstrução; Natureza; Empoderamento; Estereótipos.

Abstract: This article proposes a reflection on the work *O Cortiço*, by Aluísio de Azevedo. In it we highlight the characters Rita Baiana and Pombinha, who promote female deconstruction through human sensitivity. This deconstruction encompasses the breaking of stereotypes linked to social standards, which is not restricted to these two characters, but with situations such as the exchange of values between men and women, adultery, homosexuality and prostitution. And for that we used authors such as Bosi (2006), Coutinho (2004), Candido (1993), Moisés (1971), among other theorists who will help in the construction of the meaning of the research. In the development of the reflection, it was possible to understand that the two characters empower their time, showing in a hostile way human vulnerability, the moral and immoral part of man, which contributes to the understanding of Naturalism.

Keywords: Sensitivity; Deconstruction; Nature; Empowerment; Stereotypes.

1. Introdução

Nesta pesquisa será abordada a sensibilidade encontrada na obra *O Cortiço* [1890] (1998), de Aluísio Azevedo, especificamente nas personagens Rita Baiana e Pombinha enquanto estereótipos do que se espera da figura feminina e que foram desconstruídos na criação literária do autor. Ele usa sua estética literária pautada no naturalismo, dando voz e autonomia a estas personagens que tem vontades próprias e as concretizam sem a permissão de uma figura masculina, o que afronta os padrões sociais da época e, em muitos aspectos, até nos dias atuais.

¹ Graduanda no curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Pontes e Lacerda. Artigo elaborado à disciplina de Literatura Brasileira II vinculada ao Departamento de Letras – Campus de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Madalena Machado, como requisito parcial para a obtenção da aprovação na disciplina. E-mail: milena.vieira@unemat.br

A desconstrução: natureza e feminilidade

Com base na leitura de *O Cortiço*, observamos que Azevedo desejava mostrar a realidade brasileira pela ótica dos desfavorecidos, já que *O Cortiço*, um espaço criado por João Romão (português) e Bertoleza (escrava), mostra as duas vertentes entre Portugal x Brasil, que destaca os portugueses ainda explorando ao máximo o território brasileiro, enquanto os brasileiros eram escravizados e miseráveis. Um viés importante que comprova a revolução que Aluísio traz para a literatura brasileira, apresenta de início uma personagem (Bertoleza) submissa, e mais à frente duas personagens (Rita Baiana e Pombinha), que são donas de si mesmas e autônomas em suas vontades, guiadas pelo desejo natural do homem.

Dessa forma, a sensibilidade humana das personagens Rita Baiana e Pombinha intensifica a desconstrução feminina dentro da obra *O Cortiço*, na qual há em algumas situações, a troca de valores, dos quais o homem aceita atitudes desprovidas de caráter das mulheres sem questionar, como por exemplo Miranda, vizinho de João Ramão, aceita as traições da esposa, Dona Estela, porque ela carrega o dote que supre suas regalias, e assim, as mulheres destacadas se aventuram movidas por seus instintos e emoções. Estas contingências levam-nos a indagar questões que na atualidade ainda perduram, como por exemplo, o adultério cometido pelos homens, tem peso menor do que cometido por uma mulher, sendo que não muda o fato de ainda ser adultério, bem como a homossexualidade. Por este e outros questionamentos que Azevedo sendo sagaz em sua escrita pontua-os e os critica, mostrando sua imersão no tempo, pois são assuntos ainda debatidos na atualidade, o que comprova a revolução naturalista de sua obra.

Visando ampliar nossa perspectiva de abordagem no romance *O Cortiço*, destacamos *A Formação da Literatura Brasileira* (1993), de Antonio Candido, que ressalta sobre a sensibilidade através do homem em sua natureza e sensualidade, mostrando esse viés que deveria ser tratado como natural, sem rótulos, e muito menos estereotipados por preceitos religiosos. No mesmo caminho interpretativo lançamos mão dos pressupostos presentes no livro *A Literatura no Brasil* (2004), de Afrânio Coutinho, que explica sobre como o Naturalismo contribui para dar ainda mais sentido ao Realismo, e explicar a importância de Azevedo na literatura brasileira, pois ele é um autor que intensifica o que Candido ressalta em sua lição crítica, *O Cortiço* realizando a natureza humana de forma explícita. Já em *A Literatura Brasileira Através dos Textos* (1971), de Massaud Moisés, nos ajuda a

compreender a história de vida pessoal de Aluísio, aprofundar no sentido maior d'*O Cortiço* dentro da vertente Naturalista, o que nos remete a entendermos as características de escrita que o autor adquiriu com o passar de suas obras. Também usaremos *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi, que pauta a naturalidade do homem juntamente com a sensibilidade que o move em seus anseios individuais, escancarando que as personagens d'*O Cortiço* estão apenas realizando aquilo que é inerente em nosso ser. Outra obra que contribuirá com nossa pesquisa é a primeira obra de Aluísio Azevedo, *Uma Lágrima de Mulher* (2009) [1880], que ajudará na compreensão da desconstrução feminina das personagens, Rita Baiana e Pombinha d'*O Cortiço*, movidas pela sensibilidade de seus desejos, como veremos à frente, temos por destaque Rosalina que quebra os rótulos atribuídos às mulheres serem sensíveis. Entre outros autores clássicos e contemporâneos que ajudarão na percepção das questões levantadas em nosso artigo.

Contudo, apesar do que foi pontuado até o momento poderá haver outros questionamentos, já que a obra independente de quantas vezes lida, seus sentidos nunca se esgotam. Assim, mostraremos o sentido naturalista presente na narrativa, que levou Azevedo a ser considerado o maior nome do Naturalismo. Portanto, temos o intuito de mostrar como o escritor usa a sua estética literária para tirar esse estereótipo social de suas personagens, dando cor ao Realismo, pois, ele mostra o homem movido por seus desejos momentâneos, mais especificamente, os desejos sexuais, e isso é inteiramente perceptível nas personagens destacadas, Rita Baiana e Pombinha, que são movidas pelo anseio individual de seus sentimentos e suas vontades.

2. Instinto natural

A obra *O Cortiço* conta a estória de um local, no Rio de Janeiro, considerado a “periferia” da cidade, e conseqüentemente, os seus moradores eram pessoas de classe baixa, até que inicialmente o cortiço era desprovido de beleza e de luxo. O fundador do cortiço é João Ramão, um português muito esperto, que construiu sua fonte de renda com ajuda da crioula Bertoleza, o que concretizou uma guerra com seu vizinho português, Miranda. Antes disso, Bertoleza era escrava de um velho cego em Juiz de Fora – Minas Gerais, e como João Ramão reconheceu como a escrava trabalhava com determinação e sem reclamar, inventou uma carta de alforria, a que “libertou” Bertoleza do seu senhor, depois disso fugiram para Rio de Janeiro e como forma de gratidão trabalhava incessantemente para João Ramão.

A desconstrução: natureza e feminilidade

Com roubalheira e malandragem construíram o cortiço, moradores foram chegando e se apossando das casinhas, as mulheres trabalhavam de lavadeiras, os homens iam para pedreira e João Ramão tomava conta da venda. Percebemos que a desonestidade gerou frutos a João Romão, mas ele não desfrutava de nada, apenas queria arrecadar mais e mais dinheiro, e sugava ao máximo seus moradores. Como estes estavam ali há vários anos, tornaram-se como uma família, sabiam e opinavam na vida de todos, mas no momento de dificuldade se defendiam. Dentre esses moradores, destacamos duas personagens relevantes para a construção dos sentidos da obra, Rita Baiana e Pombinha, personagens empoderadas que modificam o olhar da sociedade para questões que causam repúdio aos padrões sociais. Dessa forma, Azevedo demonstra credibilidade quando consegue transmitir aos leitores a emoção e sensibilidade para com as personagens, mostrando o porquê de ser considerado o maior nome naturalista no Brasil, observando o instinto humano que é derivado maiormente pelo desejo sexual, em que as personagens concretizam suas ações através dos seus desejos primitivos, em que nessa obra não está oculto. Por isso,

A palavra Naturalista é formada de natural + ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para a qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura, é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se de métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e das personagens. (Coutinho, 2004, p. 10)

Toda a obra *O Cortiço* está pautada no homem em sua naturalidade, sem rótulos, então todos os personagens carregam consigo explicitamente suas vontades e desejos, mas destacamos Rita e Pombinha pela forma como foram construídas, quebrando os estereótipos que existem sobre a fragilidade feminina, em que nessa obra a inversão de papéis é contemplada naturalmente, mostrando como Azevedo revolucionou o Realismo, trazendo esse viés naturalista, que faz um convite a “valorização da emoção pessoal” e a “revelação dos estados peculiares à alma de cada um” (Candido, 1993, p. 55). Prosseguindo com o raciocínio, Rita Baiana uma verdadeira mulata brasileira, dona de si, com desejos próprios, encantava e hipnotizava quem encontrasse, até que colaborou para que Jerônimo, um português cheio de virtudes, que não desvinculava de suas raízes, se apaixonasse por ela, mesmo casado. Interessante, como Azevedo atribui valores de empoderamento a algumas

personagens, mas a outras nem tanto, como Piedade, esposa de Jerônimo, sabia de seu desejo pela Rita, foi abandonada pelo marido, mas mesmo assim, ficava migalhando sua atenção e afeto. O que concretiza a riqueza da escrita de Azevedo, nomeando a personagem com o que atribui suas características físicas e psicológicas. O que coloca em ênfase, que o nome Piedade tem significado de “devoção, submissão” (Priberam, 2021), diferentemente de Rita, quando dirigiam-lhe a palavra sobre casamento, algo apropriado a mulher honrosa, exala indignação, “-Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo” (Azevedo, 1998, p. 58). A nomeação e atitudes das personagens comprovam essa desconstrução aludida anteriormente em diferentes ângulos.

Observando a desconstrução feminina com base na sensibilidade humana, destacamos Pombinha, uma moça criada no cortiço, cuja mãe idealizava seu casamento, por ser uma moça pura, com virtudes baseadas na Bíblia. Mas antes de casar-se teve uma noite erótica com Léonie, que a estimulou a desabrochar, menstruar e ter desejos imorais perante a sociedade. E logo após casar-se com João da Costa, já rompeu com seu marido, e começou a ter atitudes que concretiza essa obra como naturalista, por exemplo, “Pombinha só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; (...) seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si” (Azevedo, 1998, p. 201). E o que é mais naturalista que isso, vindo de uma mulher com desejos de prostituta e homossexual, rompendo com esse padrão social até hoje estruturado, a homofobia. O que se torna motivo de indagação é que mesmo a mãe de Pombinha repudiando os atos da filha, não se afastava dela, já que ela lhe dava dinheiro, o que mostra naturalmente a hipocrisia humana em aceitar aquilo que lhe favorece, mesmo abominando a prática.

No livro *A Literatura Brasileira através dos textos* (1971), Massaud Moisés, nos ajuda a entender mais a fundo como Aluísio trabalha com as duas personagens, Rita Baiana e Pombinha, que analisadas em nossa pesquisa, percebemos como elas são bem construídas tanto pelos atos físicos, quanto por seus pensamentos, já que o narrador abre espaço para que o psicológico das personagens apareça, e que nos dá a oportunidade de conhecê-las a fundo. Conforme essa concepção, analisamos que Azevedo contempla “o retrato psicológico da personagem [...] e concretiza a ideia de verossimilhança fotográfica” (MOISÉS, 1971, p. 231), isto é, observamos a autonomia das personagens em concretizar seus desejos sexuais, mostrando que o homem está à deriva da sua vontade.

3. A inversão da sensibilidade

Com base na desconstrução das personagens, identificamos que Azevedo não apenas revolucionou a escrita da época colocando em muitos momentos a mulher como centro da narrativa, sendo movida por seus desejos e vontades, mas também invertendo os papéis sociais em que se espera de um homem e uma mulher, como por exemplo o casamento atordado de Miranda com Dona Estela, “o Miranda pilhou em flagrante o adultério; ficou furioso e seu primeiro impulso foi mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxe” (Azevedo, 1998, p. 19). Este trecho afirma as características naturalistas presentes na obra, em que Azevedo critica os padrões sociais e enaltece os desfavorecidos, fazendo “uso da linguagem simples, direta, natural, coloquial, mesmo vulgar [...] procura representar toda natureza, a vida que está próxima da natureza, do homem natural” (Coutinho, 2004, p. 13).

Ressaltamos como no decorrer da obra entendemos como uma personagem contribui para a construção das outras, fazendo que identifiquemos o sentido dos nomes, das posições sociais, e Azevedo apresenta essa desconstrução masculina, corrobora para grandeza de sentidos que encontramos em Rita Baiana e Pombinha. O que traz à tona a “reflexão sobre o lugar ocupado pela mulher e a vivência de sua sexualidade no plano social” (Santos; Grácia-Rodrigues, 2017, p. 318). E se analisarmos de forma mais criteriosa, Azevedo apresenta essa desconstrução sexual, mostrando o homem em sua naturalidade, para entendermos que independente do sexo, somos compostos por pensamentos e vontades imorais socialmente, o que coloca em confronto o id, ego e superego,

No ID estão os desejos, as vontades, as pulsões primitivas e há a concentração da libido e da energia pulsional. O superego, por sua vez, é formado a partir da cultura, da ética e da religião. Tudo que é vivido e aprendido em sociedade é moldado pelo SUPEREGO. O EGO é o resultado do encontro entre o ID e o SUPEREGO, aquilo que vivido para e com o mundo. Sem a devida compreensão da dimensão do ID construímos estruturas de SUPEREGO que colocam ambos em conflitos sem perspectivas de uma vida interessante, boa e saudável. (Adams; Santos; Nunes; Torres, 2019, p. 10)

Nesse sentido, vale lembrar que a primeira obra de Azevedo foi *Uma Lágrima de Mulher* (2009), o que já mostra que Azevedo tem esse apego para as especificidades

femininas, visto que nesse romance ele também desconstrói a personagem principal, rompendo com as expectativas, em que Rosalina sendo mulher, deveria segundo os parâmetros românticos, ser sensível, apaixonada e submissa. Essas qualidades naquele romance são atribuídas a Miguel, que enfrentou a morte e suportou anos de saudades pelo amor que sentia por sua amada. E Rosalina, dona de si, mostra essa desconstrução quando ao final do romance entendemos o título da obra, “Miguel estava morto. Então, uma lágrima cristalina e santa, desprendendo-se do coração, rolou pura pelas faces da mulher” (Azevedo, 2009, p. 83), chorou e “amou pela primeira vez” (Azevedo, 2009, p. 87). O que corrobora para que juntamente com as características de Rita Baiana e Pombinha, entendermos quanto Azevedo, trouxe mudanças ao Realismo, quando “o Naturalismo prolonga o Realismo, para afirmá-lo e exagerá-lo” (Coutinho, 2004, p. 70), apresentando esse aroma da sensibilidade que move o homem em sua natureza, e mobiliza o leitor a sentir as emoções expressas na obra *O Cortiço*.

Dessa forma, podemos identificar essa semelhança encontrada nas duas obras de Azevedo, *O Cortiço* e *Uma Lágrima de Mulher*, em que o autor atribui características revolucionárias às personagens femininas, contestando o peso social em que as mulheres são submetidas socialmente, e por quê essas críticas são apenas às mulheres, e como a literatura possibilita a criação, o autor tem a autonomia em criar algo realista e naturalista para a época, rótulos até na atualidade. Assim, a desconstrução na obra *O Cortiço* é atual porque engloba questões importantes da minoria, e o naturalismo mostra isso nitidamente, quando,

Uma crítica teórica como enquanto movimento social, que traz à tona inúmeros questionamentos políticos e sociais sobre a forma como os sujeitos masculinos e femininos são constituídos, incluindo questões como subjetividade, formação das identidades sexuais e de gêneros, etc. (Aguiliar; Gonçalves, 2017, p. 38)

O que Azevedo apresenta com propriedade, já que o local cortiço, é povoado por pessoas internamente diferentes, mas que vivem uma mesma realidade, são todos de classe baixa, trabalhando incansavelmente para sustentar uns aos outros, e quando conseguem um recurso a mais, João Romão (português) encontra um pretexto para sugarem a “merreca” que ganham, ou seja, entendemos essa passagem como Azevedo tentando mostrar como Portugal explorava o Brasil mesmo após a fase da colonização. E por tantas pessoas passarem pelo cortiço, e os inúmeros acontecimentos que ali são contemplados, o escritor abre a

possibilidade de enxergarmos *O Cortiço* como um personagem, que sente e chora por seu povo, assim, fica perceptível a importância deste espaço dentro da obra.

4. O empoderamento quebrando rótulos

Toda essa sensibilidade que o leitor adquirir lendo *O Cortiço*, ganha mais sentido quando Aluísio Azevedo mostra em sua estética literária de grande êxito, principalmente, nos momentos em que há grandes acontecimentos neste pequeno espaço, como o ocorrido com Pombinha, “o fato abalou o coração do cortiço” (Azevedo, 1998, p. 125), fato este dela ter menstruado, ou seja, *O Cortiço* sente tudo quanto todos sentem, trazendo traços humanos para dentro dele, os seus parágrafos são longos, com muitas informações, as quais nós meros leitores, nos sensibilizamos e nos angustiamos com os fatos, fazendo com que “a leitura de um poema, de um conto ou de um romance é uma atividade rica, intensa e complexa, que mobiliza toda a subjetividade do indivíduo” (Duarte; Ferreira; Saccomani; Assumpção, 2012, p. 32). Azevedo atribui traços humanos ao cortiço, que direciona para o entendimento dos sentidos presentes na obra, o que corrobora para que interpretemos a ousadia e o valor da escrita do autor, que consideramos uma obra clássica, pois exerce “uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (Calvino, 1993 p. 10-11). É uma obra como esta, de uma qualidade inenarrável, jamais será esquecida. Pontua Bosi (2006),

Só em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateu-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras. (p. 190)

Deste modo, alguns contextos que foram pautados em nossa pesquisa, com base na evolução literária por mostrar o homem em seu estado natural, fugindo dos padrões impregnados principalmente pela Bíblia, como o adultério, a prostituição e a homossexualidade. Entendemos que são assuntos que na atualidade ainda perduram, observando que a minoria é capaz de ler uma obra como esta, *O Cortiço*, e relacionar ao seu

próprio contexto social. Analisar fatos políticos, religiosos, sociais, que só seguimos por negarmos o lado “obscuro” de nosso ser, sendo que, para sermos humanos, somos constituídos de carne, osso, e alma, e carregaremos para sempre a imperfeição, cometeremos atrocidade apenas por nosso próprio ego, então compreendemos o ego “como função do organismo” (Perls, 2002 p. 25).

Com isso, podemos perceber a relevância em pautarmos a sensibilidade criada por Azevedo em suas personagens e destacarmos Rita Baiana e Pombinha em nossa discussão, pois elas caracterizam a minoria da sociedade, isto é, são personagens que vivem imoralmente aos olhos da sociedade, mas pelo menos são verdadeiras consigo mesmas, com suas vontades. Então “os adeptos do Naturalismo procuraram reduzir a gênese dos conflitos pessoais e interpessoais a três fatores, a herança, o ambiente e o momento” (Moisés, 1971, p. 230), o que Azevedo demonstra em sua obra, mostrando o homem em sua natureza, o que perpetua questões repudiadas e julgadas socialmente.

Como desde o início frisamos a desconstrução das personagens, conseqüentemente tendo a quebra dos estereótipos, o que acarreta a sensibilidade para com elas, identificamos que Azevedo atribui algumas características de empoderamento e outra submissão, como falamos da Rita Baiana e Pombinha comparada à Piedade. Mas é interessante porque além dessa desconstrução feminina, temos a desconstrução masculina com Jerônimo, porque após abandonar sua esposa e Marianita, sua filha, ele se torna mais sensível casado com Rita, já que esta tem a característica de domínio, até que Jerônimo se torna capaz de cometer um homicídio por ela, matando o seu concorrente, Firmo. “E atirou-lhe sobre a mesa a navalha de Firmo, que a mulata conhecia como as palmas da mão. – E ele? – Está morto. – Quem o matou? – Eu” (Azevedo, 1997, p. 152).

Relevante pensar que mesmo o autor atribuindo características de empoderamento à Rita Baiana, ela foi capaz de aceitar esse tipo de comportamento de Jerônimo, e ele mesmo capaz de retroceder sua posição social, a cometer tal desatino, uma loucura de amor, que mostra o poder desse sentimento a mover o homem em sua natureza, o que “na província os sonhos são mais nus e verdadeiros e as almas mais humanas e firmes” (Coutinho, 2004, p. 77). E como tem o amor correspondido, algo negado à Piedade, “pobre mulher! Chegara ao extremo dos extremos. Coitada! Já não causava dó, causava repugnância e nojo” (Azevedo, 1997, p. 201), da tamanha humilhação que foi submetida, percebemos que ela carrega consigo os preceitos religiosos, e que precisa de uma materialidade masculina para prosseguir com sua

A desconstrução: natureza e feminilidade

vida, no caso deveria ser apenas Jerônimo. Enquanto Rita Baiana e principalmente Pombinha, que moraliza um relacionamento homossexual, não identificamos que suas vontades sejam feitas por ter uma figura masculina ao lado, até que, se os relacionamentos delas não derem certo com algum outro personagem, elas continuam realizando suas vontades e já partem para uma nova aventura com outro alguém, sem remorso.

Pombinha sendo criada no cortiço, com traços doces e delicados, uma vida completamente idealizada, vira prostituta, rompendo com o que se esperava dela. Ao final do romance, vendo a situação em que se encontra Piedade e sua filha Marianita, encontra aquilo que sua madrinha Léonie havia visto nela, uma outra vítima a ser levada à prostituição. “O cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria” (Azevedo, 1997, p. 201). E são questões que podem ocorrer em nosso meio sem percebermos, o que Aluísio também tenta nos mostrar, o cotidiano, a rotina com muitos acontecimentos, nos cegam em observar o mínimo, o que também coloca o homem em sua natureza, cada um preocupado consigo mesmo, como discute Bosi (2006), a verossimilhança das personagens são “sintomas dos impasses criados no espírito do ficcionista quando se abeira da condição humana enleada na vida social” (p. 189). Por conseguinte, Rita Baiana e Pombinha, são personagens que remetem ao leitor a possibilidade de reflexão, pois possuem características contestáveis por princípios sociais, culturais e religiosas, que Azevedo apresenta, que consideramos ser uma estética literária voltada para o natural do homem, isto é, seus desejos sexuais aflorados à pele e escancarado para que todos vejam. Confirmamos tal fato quando temos a descrição de acontecimentos como o adultério, a fornicação, o roubo, prostituição, bruxaria, entre outros pontos dentro d’*O Cortiço*, que ao analisarmos, observamos serem questões que fogem do padrão social maior, que é a Bíblia e algumas Leis Jurídicas, e se interpretarmos, são questões que mostram o homem despido de rótulos e padrões.

5. Considerações Finais

Em nossa pesquisa analisamos as críticas que Azevedo queria realizar do Brasil naquela época, mas que até nos dias atuais são perceptíveis, o homem em sua naturalidade, o

brasileiro em sua compostura e como as circunstâncias de nossos desejos movem nossas atitudes, sem pensarmos nas consequências futuras. E com isso, pontuamos que independente dos anos que passaram e os que ainda virão, essas questões voltadas para a fragilidade humana, a falta de opinião própria, meros reprodutores e aceitadores das migalhas, como n' *O Cortiço*, o homem ainda será raso e frágil com sua própria vida.

Logo, pontuarmos a sensibilidade das personagens, Rita Baiana e Pombinha, serve para expandir a visão de mundo estruturada da sociedade, desconstruindo padrões sociais, e mostrando que o homem é formado também pelos seus anseios internos e individuais, movidos pelo desejo que muitas vezes foge do que se espera do indivíduo. Assim, corrobora para que percebamos a autoconfiança de Aluísio Azevedo em mostrar tão explicitamente a naturalidade humana, que o levou a ser o nome naturalista mais renomado no Brasil. Então, promoveremos a reflexão do leitor em perceber que o homem, mesmo com resquícios da era colonial, tinha vontades e desejos que até na atualidade é considerado uma barbárie por boa parte da sociedade. Abrindo o horizonte em admitir que o homem é composto pelo desejo (implícito) e pela moral (explícita), desconstruir as personagens, Rita Baiana e Pombinha, dando-lhes autonomia de vontades, fica perceptível essa crítica sobre o homem em sua natureza, o que afirma a grandeza literária brasileira que Azevedo deixou para o país, trazendo a riqueza de detalhes que comprova tal feito. Portanto, nossa pesquisa motiva um conhecimento que mostra resquícios do senso comum que perdura até na atualidade, apresentando uma outra vertente que coloca o leitor a se questionar sobre a sua verdade estruturada. E isso sendo alcançado, já valerá todo o esforço de Azevedo em dedicar parte de sua vida a escrever algo tão valioso e rico de sentidos, o que nos leva a sentirmos as emoções junto às personagens, parecendo que estamos ao lado delas. Enfim, essa desconstrução feminina pautada na sensibilidade humana, serve para ampliarmos os nossos horizontes sobre que o homem (ser) é falho, imperfeito e tem desejos, mesmo que ocultos, além da moral social, o homem também é movido e constituído por sua individualidade interna. O que ajuda na desconstrução do estereótipo sobre a mulher perfeita e idealizada.

6. Referências

ADAMS, Adair; SANTOS, Ricardo Luís dos; NUNES, Diego Cardoso; TORRES, Rogério Ricalde. "A constituição da subjetividade". **Anais do III Salão de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS**. Rio Grande do Sul: Campus Vacaria, 2019

A desconstrução: natureza e feminilidade

AGUILIAR, Marcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. “Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e proposta”. Rio Grande do Sul: **Conhecimento Online**, 2017

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1998

AZEVEDO, Aluísio de. **Uma lágrima de mulher**. Rio Grande do Sul: Martin Claret, 2009

BOSI, Alfredo. “O Realismo”. In: **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. “Natureza e Rusticidade”; “Sensualidade e Naturalismo”. In: **Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1993

COUTINHO, Afrânio. “Realismo. Naturalismo. Parnasianismo”; “Crítica Naturalista e Positivista”; “A Ficção Naturalista”. In: **A Literatura no Brasil**. V. 4. São Paulo: Global, 2004

DUARTE, Newton; FERREIRA, Nathália Botura de Paula; SACCOMANI, Maria Cláudia da Silva; ASSUMPTÃO, Mariana de Cássia. “O ensino da recepção estético-literária e a formação humana”. São Paulo: EccoS, 2012

GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene; SANTOS, Enedir Silva. “A resistência feminina de amor Rasgado, de Marina Colasanti”. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 54, outubro de 2017, p. 311-330

MOISÉS, Massaud. “Aluísio Azevedo”; “O Cortiço”. In: **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. São Paulo: Cutrix, 1971

PERLS, Frederick S. “Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e método de Freud”. São Paulo: Summus, 2002

PIEIDADE. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/piedade>. Acesso em: 22/06/2023